
Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

iGBRASIL

Notícias · Utilidades · Recursos para operadores de iGaming

Esportes & Odds · Estratégico

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

Como comparar managed trading services e time interno na mesma unidade de custo — e o que o contrato de feed precisa prever para a decisão não virar dependência de fornecedor único.

Por Redação iGBRASIL, Redação

Publicado em 13/09/2026 às 14h05

· 12 min de leitura

Por que importa

A decisão entre trading gerenciado e time próprio define quem controla a margem aplicada, os limites por apostador e a competitividade de preço do sportsbook.

Contratos que amarram feed de dados e precificação ao mesmo fornecedor eliminam a reversibilidade: sair do trading significa ficar sem preço e sem dado no mesmo dia.

A responsabilidade regulatória do agente autorizado sob a Lei 14.790/2023 não é terceirizável — inclusive quando a detecção de aposta suspeita nasce no trading de terceiro.

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

A pergunta que este texto responde é específica e tem dono: meu volume esportivo já justifica montar trading próprio, ou continuo em managed trading services — e o que o contrato de feed precisa prever para que essa escolha não vire dependência? Quem decide isso é o diretor de operação ou o head de produto esportivo de uma casa autorizada no Brasil, geralmente numa reunião em que alguém compara o percentual pago ao provedor com o custo de uma folha de trading e conclui, erradamente, que a conta está fechada.

Não está. A comparação honesta envolve pelo menos quatro camadas — dado, precificação, risco e integridade — e cada uma tem contrato, prazo e responsável distintos. Este artigo organiza essas camadas e mostra onde a decisão costuma travar.

Resumo executivo

São três modelos, não dois: MTS puro, trading próprio e híbrido por liga e por mercado — o híbrido é o destino mais comum de operações de médio porte.

O feed de dados esportivos precisa ser negociado separadamente do trading; quando vêm no mesmo contrato, a saída do serviço tira preço e dado ao mesmo tempo.

A métrica que compara os dois modelos na mesma unidade é custo de trading por real de GGR esportivo — não folha contra percentual.

Preço de MTS não é informação pública auditável; qualquer faixa que circule em feira deve ser tratada como conversa, não como benchmark.

Terceirizar a precificação não terceiriza a responsabilidade do agente autorizado prevista na Lei 14.790/2023.

Por que a janela de renegociação existe agora

Dois movimentos recentes mudaram o tabuleiro. Do lado da oferta de serviço, a GR8 Tech anunciou em agosto de 2026 o lançamento de managed trading services para operadores de sportsbook (Yogonet, 17/08/2026; iGaming Business, 13/08/2026), entrando num mercado em que Sportradar e Sporting Solutions já vendiam pacote equivalente. Mais fornecedores disputando a mesma função significa poder de barganha que não existia há doze meses.

Do lado do dado, o movimento foi oposto: a Sportradar concluiu em novembro de 2025 a aquisição da IMG Arena e de seu portfólio mundial de direitos de apostas esportivas (Games Magazine Brasil, 03/11/2025). Menos vendedores de direitos oficiais significa menos alternativa de feed no meio de um contrato. O efeito sobre preço de renovação ainda não

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

apareceu em contrato fechado publicamente — é leitura de risco, não fato consumado —, mas é o tipo de risco que se mitiga na cláusula, não depois.

A terceira mudança é de responsabilidade. O governo federal lançou em 02/04/2026 uma política nacional de combate à manipulação de resultados esportivos, com participação dos ministérios do Esporte e da Justiça. O desenho final das obrigações que recairão sobre o operador privado depende de regulamentação ainda em construção — descreva isso como cenário, não como norma vigente —, mas a direção é clara: quem terceiriza trading precisa saber quem detecta o padrão anômalo, em quanto tempo a informação chega e quem comunica.

Três modelos de trading, não dois

MTS puro. O provedor abre mercados, precifica, ajusta em tempo real, aceita ou recusa apostas e aplica limites. O operador escolhe catálogo e, no máximo, um perfil de risco. A remuneração costuma ser percentual sobre o GGR esportivo, às vezes com mínimo mensal. O go-live é curto e o custo acompanha a receita.

Trading próprio. O operador compra feed de dados, compra ou constrói motor de precificação e monta time em turnos. O custo é fixo e antecede a receita. Ganha quem tem volume para diluir folha — e paciência para atravessar a curva de aprendizado sem sangrar margem.

Híbrido. MTS cobre a cauda longa — ligas menores, esportes secundários, madrugada — e o time interno assume o que dá identidade comercial ao produto: futebol brasileiro, Libertadores, mercados de jogador, ao vivo dos jogos de maior handle. É onde entram os mercados de futebol regional que pressionam times de trading, e é o destino natural da maior parte das operações de médio porte no Brasil.

DimensãoMTS puroHíbridoTrading próprio

Estrutura de custoVariável sobre GGR esportivo, com possível mínimo mensalVariável na cauda longa + fixo no núcleo comercialFixo: folha, feed, motor de preço e infraestrutura

Controle da margem aplicadaDepende de direito contratual de ver e ajustar por competiçãoTotal no núcleo, contratual na caudaTotal

Limites por apostadorCritério agregado do provedor entre clientes deleOverride documentado no núcleoPolítica própria

Tempo até operarCurtoMédio, migra mercado a mercadoLongo, com curva de erro de precificação

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

ReversibilidadeBaixa se feed e trading forem do mesmo contratoMédiaAlta, desde que o feed seja contratado direto

Responsabilidade regulatóriaDo agente autorizadoDo agente autorizadoDo agente autorizado

Comparação das três arquiteturas de trading esportivo

O que só quem já migrou sabe

O contrato de MTS costuma amarrar o feed. O trading gerenciado quase sempre vem do mesmo fornecedor que vende os direitos de dados. Sair do serviço sem contrato de feed próprio é ficar sem preço e sem dado no mesmo dia. Quem migra planeja o feed antes de planejar o time.

Margem, no MTS, não é um número — é uma faixa operada pelo provedor. Sem direito contratual de visualizar e ajustar o overround por competição e por mercado, o operador não controla a própria competitividade e só descobre o problema quando o comparador de odds mostra o produto fora do mercado.

Limite de aposta é decisão comercial, não técnica. O provedor limita pelo risco agregado da carteira dele. Manter um cliente relevante dentro do limite exige override documentado — e definição de quem responde se a conta limitada virar reclamação.

Trading interno se dimensiona por turno, não por headcount. O futebol brasileiro concentra jogos à noite e em fins de semana, e o ao vivo não aceita janela descoberta. A conta realista é cobertura integral da janela de handle com sobreaviso, ou escala 24/7.

Disputa sobre origem e exclusividade de dado já foi judicializada. A ação da Sportradar contra Betgenius e Football DataCo, iniciada em 2020 (iGaming Business, 06/10/2020), mostra que cláusula de sublicenciamento e de uso do dado após rescisão é item de negociação, não detalhe jurídico.

Vale um alerta sobre o discurso do vendedor: provedores posicionam publicamente o serviço gerenciado como ganho de resultado líquido para o operador (SBC News, 15/08/2024). Isso é argumento comercial confirmado como existente, não evidência de desempenho. Trate como tal na sala de negociação.

Medir antes de decidir: os oito passos

Levantar 12 meses de base. Handle esportivo, GGR esportivo, margem realizada por competição e por tipo de mercado, e distribuição do handle por faixa horária. Sem esses quatro cortes, a decisão é opinião.

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

Calcular o ponto de equilíbrio próprio. Custo anual do MTS (percentual mais mínimos) contra custo anual do modelo interno (folha na escala de cobertura + feed + motor de preço + infraestrutura + provisão para erro de precificação nos primeiros meses). O cruzamento dessas duas curvas é a resposta — não o benchmark de terceiros.

Separar o catálogo em três camadas: o que dá identidade comercial e precisa ser próprio; o que é volume padrão e pode ser gerenciado; o que é cauda longa e só existe para completar vitrine.

Negociar feed separado de trading. Exigir direito de uso do dado em caso de rescisão, prazo de transição, SLA de latência medido e auditável e cláusula de sublicenciamento.

Escrever a política de limites. Quem limita, com base em qual critério, quem pode reverter, em quanto tempo e como o apostador é informado. Documento revisado por compliance e por atendimento, não só por trading.

Definir a cadeia de integridade. Quem detecta o padrão anômalo, em quantos minutos a informação chega ao operador, quem comunica ao regulador e ao órgão esportivo e onde fica o registro. Com trading terceirizado, isso vira SLA em horas dentro do contrato.

Construir a saída antes da entrada. Em quantos dias a operação volta a precificar sozinha se o contrato terminar? Se a resposta for "não voltamos", o contrato não está fechado — está amarrado.

Rodar em paralelo antes de cortar. Shadow pricing por 60 a 90 dias: o time interno precifica em ambiente espelho contra o MTS, comparando margem realizada e exposição. Só depois migra mercado a mercado.

O que o regulador cobra de quem terceiriza

A Lei 14.790/2023 atribui ao agente autorizado as obrigações e o regime sancionatório da aposta de quota fixa. A função pode ser executada por terceiro contratado; a responsabilidade, não. É a mesma lógica que o portal já descreveu em afiliados sob escrutínio, quando o operador responde pelo parceiro — só que aplicada a uma camada que decide preço e aceitação de aposta.

Três pontos merecem leitura direta na fonte antes de virar cláusula. Primeiro, as portarias da SPA/MF sobre requisitos técnicos e de segurança do sistema de apostas — registro de transações, rastreabilidade, integridade e disponibilidade —, cujo número e artigo devem ser conferidos na página de legislação da secretaria e no DOU, porque o calendário normativo continua em movimento. Segundo, a orientação conjunta de SPA e Coaf a operadores sobre comunicação de atividades suspeitas, publicada em 12/02/2025: parte da detecção de padrão anômalo nasce no trading, inclusive no trading do terceiro. Terceiro, a vedação de apostas

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

por pessoas capazes de influenciar o resultado, que deve ser citada pelo dispositivo exato e refletida no controle de conta, não só no termo de uso.

Referências internacionais ajudam a calibrar maturidade, não a definir obrigação: Reino Unido, Espanha e Malta têm modelos de reporte de integridade e de controle sobre terceiros que executam funções críticas. Nenhum deles é regra brasileira. Para o mapa das obrigações que efetivamente valem aqui, o ponto de partida é o calendário de obrigações SPA/MF que sustenta a licença.

Os seis erros que aparecem sempre

Comparar percentual de MTS com folha de trading e parar aí. Fica de fora feed, motor de preço, infraestrutura, monitoramento de integridade e o custo do erro na curva de aprendizado.

Assinar trading e feed no mesmo instrumento sem cláusula de separação. Vira fornecedor único em duas camadas críticas simultaneamente.

Internalizar pelo mercado errado. Times novos costumam começar pelo ao vivo de futebol — maior volume e menor tolerância a erro. O caminho de menor dano é pré-jogo de ligas com volume médio.

Achar que o MTS resolve integridade. O provedor pode detectar; a obrigação de comunicar e o risco sancionatório permanecem com o autorizado.

Cortar margem para parecer competitivo sem medir elasticidade. Reduz GGR sem ganhar handle quando o problema real é catálogo ou latência, não preço.

Não instrumentar a comparação. Sem registro histórico das próprias odds e das do mercado, não há como saber se o preço está caro ou barato — e, como já tratado em data warehouse em iGaming: como não virar refém do PAM, se o dado mora apenas no sistema do fornecedor, a resposta pertence a ele.

As métricas que sustentam a decisão

Margem teórica versus margem realizada, por competição, tipo de mercado e canal (pré-jogo e ao vivo). O gap é o diagnóstico do trading.

Hold % sobre handle, calculado separadamente do GGR pós-bônus.

Taxa de aceitação e rejeição de apostas e tempo médio de decisão — rejeição excessiva

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

destrói retenção em silêncio.

Latência do feed ponta a ponta, medida no próprio ambiente e não no material do fornecedor, conforme já discutido em latência de feed de odds virou vantagem competitiva.

Frequência e duração de suspensão de mercado por evento.

Concentração de exposição: percentual do risco em um único evento ou cliente.

Custo de trading por real de GGR esportivo — a única métrica que coloca os dois modelos na mesma unidade.

Cobertura de catálogo versus handle gerado por mercado: quantos mercados abertos não geram volume relevante e continuam custando feed.

Tempo entre detecção e comunicação de aposta suspeita.

O que este texto deliberadamente não afirma

Preço de managed trading services não é informação pública auditável. Faixas de percentual sobre GGR circulam em conversa de feira e em apresentação comercial, e não há documento que permita publicá-las como referência. O mesmo vale para custo de feed oficial por competição e para margem média praticada no futebol brasileiro: não existe série pública consolidada que sustente um número. Quem apresentar um benchmark dessas grandezas precisa mostrar a origem — e, se não mostrar, o número serve para a negociação dele, não para a sua.

Se a sua operação não sabe responder em quantos dias voltaria a precificar sozinha, a discussão sobre custo de trading ainda nem começou.

Redação iGBRASIL

Há ainda um ponto de observação, não de decisão: a parceria entre Sportradar e Kalshi para dados e infraestrutura em mercados de previsão, anunciada em junho de 2026, tangencia o produto esportivo, mas o enquadramento desse formato no Brasil não está definido. Acompanhar, sem incluir no plano de produto.

A conclusão prática é menos glamourosa do que a pergunta original. Na maioria dos casos, a resposta certa não é "próprio" nem "terceirizado": é definir quais mercados precisam ser próprios porque carregam a identidade comercial do produto, contratar o feed de dados esportivos de forma autônoma para que essa fronteira possa se mover, e escrever no contrato o prazo em que a operação recupera a capacidade de precificar. Feito isso, a escolha de

Feed de dados esportivos e trading: própria ou terceirizada?

modelo deixa de ser irreversível — e passa a ser o que deveria ser desde o início: uma decisão de custo revista a cada ciclo, com número próprio na mesa.

Antes da próxima renovação de contrato

Reúna os 12 meses de handle, margem realizada por competição e custo de trading por real de GGR esportivo antes de sentar com qualquer fornecedor — e acompanhe a cobertura do iGBRASIL sobre feed, latência e obrigações da SPA/MF. Para receber a análise do que muda para operadores, assine a newsletter do iGBRASIL.

Assuntos:

Feed de dados · Integridade esportiva · Lei 14.790/2023 · Managed Trading Services · SPA/MF
· Trading esportivo

Fonte original:

<https://igbrasil.com/noticias/esportes-odds/feed-de-dados-esportivos-e-trading-propria-ou-terceirizada>

Documento gerado em 13/09/2026 às 16h42.

Reprodução permitida mediante citação da fonte e link para o endereço acima.

© 2026 iGBRASIL. Conteúdo destinado a maiores de 18 anos.